

A história escrita a contrapelo e a história da literatura:
pontos de contato entre Hans Robert Jauss e Walter Benjamin.
Mário Santiago

“As camadas tectônicas de nossa vida descansam tão apertadas umas sobre as outras, que sempre encontramos o fato anterior no posterior, não como algo completo e realizado, mas como algo presente e vivo.”

Bernhard Schlink

“A historicidade da literatura não repousa numa conexão de fatos históricos ‘estabelecida’ post festum, mas no experimentar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores.”

H. R. Jauss

“O historicismo se contenta em estabelecer um nexos causal entre vários momentos da história. Mas nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milênios. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário. Ele capta a configuração, em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente como um "agora" no qual se infiltraram estilhaços do messiânico.”

Walter Benjamin

Introdução

Aos 15 anos eu tive hepatite. A doença começou no outono e terminou na primavera. Quanto mais frio e escuro o velho ano se tornava, mais fraco eu ficava. Só com o novo ano houve uma melhora. (...) Em meu primeiro passeio andei por Blumenstrasse, na qual morávamos no segundo andar de um prédio imponente construído na virada do século, até a Bahnhofstrasse... Foi ali que eu tinha vomitado, numa segunda-feira de outubro, no caminho da escola para casa. Já havia alguns dias que eu estava fraco, mais fraco do que nunca em minha vida. Cada passo me exigia um grande esforço. Quando subia escadas em casa ou na escola, minhas pernas quase não me agüentavam. (...) A mulher que cuidou de mim o fez de um jeito quase bruto. Ela pegou meu braço e me levou pela porta escura da casa até o pátio. Em cima havia varais esticados de janela a janela e roupas penduradas. (...) Ao lado da porta para o pátio havia uma torneira. A mulher abriu a torneira, lavou primeiro minha mão e então jogou no meu rosto a água que tinha mantido nas mãos em concha. (...) Ela se endireitou e viu que eu estava chorando. (...) Ela envolveu-me nos braços. Eu era pouco mais alto do que ela, senti seus seios no meu peito, cheirei na estreiteza do abraço meu hálito ruim e seu suor fresco e não sabia o que devia fazer com os braços. Parei de chorar. (...) Perguntou-me onde eu morava, pôs os baldes na entrada e me levou para casa. Andou ao meu lado, uma das mãos segurando a minha pasta e a outra sobre o meu braço. (...) Ela andava depressa e com uma decisão que me tornava fácil manter o passo. Em frente de nossa casa despediu-se. (SCHLINK, p. 7/ 8)

Assim se inicia o romance do escritor alemão Bernhard Schlink, *O leitor*, que tomo como exemplo, neste trabalho, para expor alguns pontos de contato que identifico entre as teses de H. R. Jauss, contidas no livro *A história da literatura como provocação à teoria literária* e as de Walter Benjamin, "Sobre o conceito de história". Por outro lado, há aqui a intenção de verificar de que forma o conceito benjaminiano de "imagem dialética", que aparece na obra *Passagens*, de Walter Benjamin, de alguma forma está presente nas reflexões de Jauss.

Crítica à historicidade

O livro de Schlink conta a história de um adolescente, Michael Berg, que, no cenário de uma cidade alemã de finais da Segunda Guerra Mundial, conhece Hanna, Hanna Schmitz, vinte anos mais velha que ele, com quem mantém um obsessivo caso amoroso, "marcado pela descoberta do sexo e da literatura". Sendo analfabeta, Hanna dedica parte dos furtivos encontros amorosos do casal para ouvir Michael ler trechos de obras literárias. De repente, Hanna desaparece e Michael só vai encontrá-la, anos depois, num julgamento de envolvidos em crimes de guerra, onde Hanna é julgada por atrocidades cometidas num campo de concentração, onde foi guarda. Segundo se lê na apresentação do volume, aí se encontra uma "austera narrativa sobre o esforço para preencher o vazio entre as gerações pré e pós-guerra (...) entre culpados e inocentes, entre palavras e silêncio." [1]

Em princípio, os dois autores chamados para esta conversa têm em comum uma crítica à historiografia de talhe positivista e conservador. Jauss, por exemplo, argumenta

que:

Uma renovação da história da literatura demanda que se ponham abaixo os preconceitos do objetivismo histórico e que se fundamentem as estéticas tradicionais da produção e da representação numa estética da recepção e do efeito. (JAUSS, p. 24)

Já em Walter Benjamin (tese 16) encontra-se a seguinte crítica à história construída a partir do vazio e do homogêneo:

O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas pára no tempo e se imobiliza. Porque esse conceito define exatamente aquele presente em que ele mesmo escreve a história. O historicista apresenta a imagem "eterna" do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única. (BENJAMIN, p. 230/231)

Na tese VI, de *A história da literatura como provocação à teoria literária*, Jauss, critica o historicismo literário valendo-se da crítica de C. R. Collingwood[2] em *The idea of history*, à influência positivista na história da literatura, ou seja, de que a “descrição ‘objetiva’ de uma seqüência de acontecimentos num passado já morto falha tanto no que se refere ao caráter artístico da literatura, quanto no que respeita à sua historicidade específica.” [3] Isto porque, para Jauss, a literatura não é “um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto (pois a literatura é), antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual (...).” [4] Há uma interessante passagem de *L'écrivain et son ombre: introduction à une esthétique de la littérature*, de Gaëtan Picon, [5] mencionada por Jauss, a respeito da literatura como uma « palavra que deve, ao mesmo tempo em que lhe fala, criar um interlocutor capaz de compreendê-la.” [6] Com isto, a história da literatura deve ser compreendida como “um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete.” [7] Mesmo porque, ainda segundo Jauss: “O contexto histórico no qual uma obra literária aparece não constitui uma seqüência factual de acontecimentos forçosamente existentes independentemente de um observador.” [8] Nesta tese VI, de *Historia da literatura como provocação à teoria literária*, Jauss remete à ideia de “horizonte de expectativa” do acontecimento literário que

(...) só logra seguir produzindo seu efeito (na medida em que sua recepção se estenda pelas gerações futuras ou seja por elas retomada – na medida, pois, em que haja leitores que novamente se apropriem da obra passada, ou autores que desejem imitá-la, sobrepujá-la ou refutá-la. (JAUSS, p. 26)

No “Apêndice” 1 às teses “Sobre o conceito de história” encontra-se um segundo ponto de comunicação entre o pensamento de Jauss e o de Walter Benjamin:

O historicismo se contenta em estabelecer um nexos causal entre vários momentos da

história. Mas nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milênios. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário. Ele capta a configuração (constelação)[9], em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente como um "agora" no qual se infiltraram estilhaços do messiânico. (BENJAMIN, p. 232)

Crítica ao psicologismo

Na sétima tese, Jauss faz uma crítica às influências psicologizantes que, segundo entende, não são capazes de atingir e compreender as dimensões subjetivas do universo do leitor, ao mesmo tempo em que critica o ceticismo de René Wellek[10] quanto à possibilidade da "análise do efeito estético chegar a alcançar a esfera de significação de uma obra literária, em vez de (...) resultar, na melhor das hipóteses, simplesmente numa sociologia do gosto." (JAUSS, p. 27) Assim está formulada esta tese:

"A análise da experiência literária do leitor escapa ao psicologismo que a ameaça quando descreve a recepção e o efeito de uma obra a partir do sistema de referências que se pode construir em função de expectativas que (...) resultam do conhecimento prévio do gênero, da forma e da temática de obras já conhecidas (...)." (JAUSS, *ibid.*)

Neste sentido, a crítica de Jauss se aproxima, a meu ver, da tematização que consta do "Apêndice" 2, das teses benjaminianas, segundo o qual:

(...) os adivinhos que interrogavam o tempo para saber o que ele ocultava em seu seio não o experimentavam nem como vazio nem como homogêneo. Quem tem em mente esse fato, poderá talvez ter uma idéia de como o tempo passado é vivido na rememoração: nem como vazio, nem como homogêneo. Sabe-se que era proibido aos judeus investigar o futuro. Ao contrário, a Torá e a prece se ensinam na rememoração. Para os discípulos, a rememoração desencantava o futuro, ao qual sucumbiam os que interrogavam os adivinhos. Mas nem por isso o futuro se converteu para os judeus num tempo homogêneo e vazio. Pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia penetrar o Messias. (BENJAMIN, p. 232)

Da mesma forma se pode entrever uma articulação entre a tese VIII de Jauss e a tese 14 de Walter Benjamin. Na perspectiva de Jauss, quando este fala do alcance do "horizonte de expectativa": "O horizonte de expectativa de uma obra (...) torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público." (JAUSS, p. 31). Já a tese benjaminiana traz o seguinte: "A história (pode-se compreender aí também, por aproximação, a história literária) é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de 'agoras'." (BENJAMIN, p. 229)

Crítica à visão da temporalidade como continuidade

A crítica à história como narrativa homogênea e linear do tempo e não do tempo como o desenrolar e efetivação dos acontecimentos como transição, está presente tanto nas teses IX e X de Jauss como nas teses 6 e 16 de Walter Benjamin:

A reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita (...) que se apresentem as questões para as quais o texto constituiu uma resposta e que se descortine, assim, a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra. (...) Além disso, traz à luz a diferença hermenêutica entre a compreensão passada e a presente de uma obra, dá a conhecer a história de sua recepção (...) e coloca em questão (...) a aparente obviedade segundo a qual a poesia

encontra-se atemporalmente presente no texto literário, e seu significado objetivo, cunhado de forma definitiva, eterna e imediatamente acessível ao intérprete. (Tese IX, JAUSS, p. 35)

A teoria estético-recepcional não permite somente apreender sentido e forma da obra literária no desdobramento histórico de sua compreensão. Ela demanda também que se insira a obra isolada em sua 'série literária' a fim de que se conheça sua posição e significado histórico no contexto da experiência da literatura. (...) No passo que conduz de uma história da recepção das obras à história da literatura, como acontecimento, esta última revela-se um processo no qual a recepção passiva de leitor e crítico transforma-se na recepção ativa e na nova produção do autor (...) um processo no qual a nova obra pode resolver problemas formais e morais legados pela anterior, podendo ainda propor novos problemas. (Tese X, JAUSS, p. 41)

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi". Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. (..) Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. (...) O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. (Tese 6, BENJAMIN, p. 224)

O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas pára no tempo e se imobiliza. Porque esse conceito define exatamente aquele presente em que ele mesmo escreve a história. O historicista apresenta a imagem "eterna" do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única. (...) Ele fica senhor das suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o *continuum* da história. (Tese 16, BENJAMIN, p. 230/231)

A história literária escovada a contrapelo

Uma aproximação é possível entre as teses XI e XII de H. R. Jauss e a tese 17 de Walter Benjamin, onde ideias como a articulação dos cortes diacrônicos e a confrontação entre os fatos históricos, nos indicam a importância de uma tarefa historiográfica capaz de se desprender das amarras da linearidade positivista, onde o *continuum* deve ser necessariamente posto em dúvida:

Se já a perspectiva histórico-recepcional depara constantemente com relações interdependentes a pressupor um nexos funcional (...) nas modificações da produção literária, então há de ser igualmente possível efetuar um corte sincrônico atravessando um momento do desenvolvimento, classificar a multiplicidade heterogênea de obras contemporâneas segundo estruturas equivalentes, opostas e hierárquicas e, assim, revelar um amplo sistema de relações na literatura de um determinado momento. (Tese XI, JAUSS, p. 46)

A tarefa da história da literatura somente se cumpre quando a produção literária é não apenas apresentada sincrônica e diacronicamente na sucessão de seus sistemas, mas vista também como *história particular*, em sua relação própria com a história geral. (...) A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social. (Tese XII, JAUSS, p.50)

O materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido. Ele aproveita essa oportunidade para

extrair uma época determinada do curso homogêneo da história; do mesmo modo, ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada. Seu método resulta em que na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. (Tese 17, BENJAMIN, p. 231)

“Céu estrelado” e “constelação”

Ainda na tese XII de *História da literatura como provocação à teoria literária* H.R. Jauss propõe uma nova forma de abordagem histórica da literatura, “dispondo-se mais cortes no antes e no depois da diacronia, de tal forma que esses cortes articulem historicamente, em seus momentos constitutivos de épocas, a mudança estrutural na literatura.” (JAUSS, p. 46). Esta posição de Jauss vem se sintonizar com a reflexão de Siegfried Kracauer[11], que contestava a pretensão da história geral de considerar “compreensíveis acontecimentos de todas as esferas da vida como um processo uno, consistente em cada momento histórico.” (JAUSS, *ibid.*), pois, para Kracauer, pelo menos na esfera da literatura, a crítica à pretensão homogeneizadora do historiador contribui para tornar “visível a necessidade e a possibilidade de descortinar o caráter histórico da literatura por meio de cortes sincrônicos.” (JAUSS, p. 47). Para Jauss, a “(...) historicidade da literatura revela-se justamente nos pontos de interseção entre diacronia e sincronia.” (JAUSS, p. 48). Ainda nesta tese XII de Jauss há uma interessante imagem desta concepção de história da literatura, como uma luneta (já que se vem falando de estrelas) que é capaz de fazer visível toda a heterogeneidade da conformação (ou constelação) do seu efeito:

Se (...) a literatura que surge simultaneamente decompõe-se (...) numa heterogênea multiplicidade do não-simultâneo (...) das obras marcadas por momentos distintos do ‘shaped time’ ([12]) de seu gênero (como o céu estrelado aparentemente atual desintegra-se astronomicamente em pontos separados pelas mais diversas distâncias temporais), para o público, que a percebe como obras da sua atualidade e as relaciona com as outras, tal multiplicidade recompõe-se (...) na unidade de um horizonte comum e significativo de expectativas, lembranças e antecipações literárias. (JAUSS, *ibid.*)

Isso pode ser comparado à idéia das ressonâncias constelares, no “Apêndice” 1 das teses benjaminianas de 1940. Uma explicação mais que oportuna para abrigar esta comparação é dada por Michael Löwy na análise deste “Apêndice”, que se encontra no livro *Walter Benjamin: aviso de incêndio*:

É a constelação entre uma situação presente e um acontecimento do passado que faz deste um fato histórico. (...) Os ‘estilhaços’ (...) são os momentos de revolta, os breves instantes que salvam um momento do passado e, ao mesmo tempo, efetuam uma interrupção efêmera da continuidade histórica, uma quebra no cerne do presente (imagem dialética). (...) O tempo qualitativo, constelado de estilhaços messiânicos, se opõe radicalmente ao fluxo vazio, ao mesmo tempo puramente quantitativo do historicismo e do ‘progressismo’. (...) Por meio do abandono do modelo teleológico ocidental, passa-se de um tempo de necessidade para um tempo de possibilidades (horizonte de expectativa), um tempo aleatório aberto em todos os momentos à irrupção imprevisível do novo. LÖWY, p. 140/141

O final

Faz dez anos que tudo isso aconteceu. Nos primeiros anos após a morte de Hanna perturbaram-me as velhas perguntas: se eu a reneguei e traí, se permaneci culpado em relação a ela, se me tornei culpado por amá-la, se e como deveria me libertar dela. Às vezes me perguntava se era responsável por sua morte. E às vezes ficava com raiva dela e do que tinha feito comigo. Até que a raiva perdeu a força e as perguntas a importância. O que fiz ou deixei de fazer, o que ela fez comigo – isso tornou-se simplesmente o desenrolar da minha vida. (...) A intenção de escrever minha história com Hanna nasceu logo após sua morte. Desde então a nossa história se escreveu várias vezes em minha cabeça, sempre um pouco diferente, sempre com novas imagens, novos retalhos de atitudes e pensamentos. Assim, ao lado da versão que escrevi há muitas outras. A garantia de que a história escrita é a certa está no fato de eu tê-la escrito e de não ter escrito as outras versões. A versão escrita quis ser escrita, as muitas outras não o quiseram. (...) De todo modo, é o que penso quando acontece de pensar nela. Entretanto, quando sou magoado, as mágoas experimentadas naquela época vêm à tona, quando me sinto culpado é o sentimento de culpa de então, e na saudade e nostalgia atuais experimento a saudade e a nostalgia sentidas naquela época. As camadas tectônicas de nossa vida descansam tão apertadas umas sobre as outras, que sempre encontramos o fato anterior no posterior, não como algo completo e realizado, mas como algo presente e vivo. Entendo isso. Todavia às vezes acho difícil de suportar. Talvez eu tenha escrito a nossa história porque queria mesmo me ver livre dela, ainda que isso não seja possível. (SCHLINK, p. 237/238)

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. do alemão de Irene Aron; Trad. do francês de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da história”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. - (Obras escolhidas).

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo, 2005.

SCHLINK, Bernhard. *O leitor*. Trad. Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Notas:

[1] SCHLINK, Bernhard, *O leitor*

[2] Robin George Collingwood foi um filósofo e historiador inglês (1889-1943)

[3] Jauss, 1994, p. 24/25

[4] Jauss, idem, p. 25

[5] Ensaísta e crítico de arte francês (1915-1976)

[6] Apud Jauss, ibid., minha tradução

[7] Ibid.

[8] Ibid.

[9] A palavra “constelação” é utilizada na tradução das teses para o português, realizada por Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller

[10] Crítico literário tcheco-americano (1903 - 1995)

[11] Jornalista, escritor, sociólogo e crítico alemão (1889 - 1966)

[12] Referência à obra de George Kluber, historiador da arte norte-americano (1912 - 1996), *The shape of time: remarks on the history of things*